

evocação



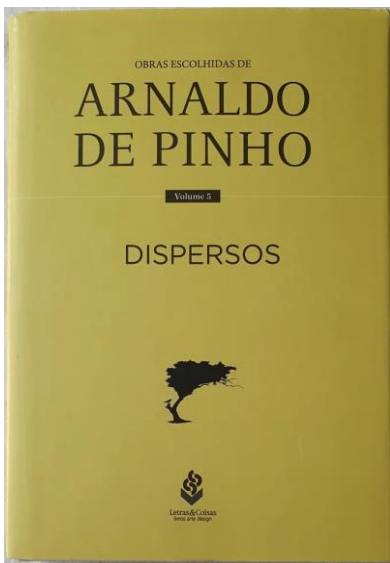
Arnaldo de Pinho, um pensador emancipado

O padre ARNALDO DE PINHO, professor da Universidade Católica e cónego da Sé do Porto, morreu no passado dia 15, quinta-feira, aos 82 anos. Nascido em 22 de junho de 1942, em Moldes (Arouca), deixou um legado de pensamento, reflexão e acção cultural ímpares na Igreja Católica e na diocese do Porto que ultrapassam os limites da instituição eclesiástica. O 7MARGENS publica a seguir uma evocação da sua personalidade e do seu pensamento.

ARNALDO DE PINHO (1942–2025) ocupou um lugar único na teologia portuguesa postconciliar. Pensador de fronteiras e nas fronteiras, cultivou uma teologia do diálogo – entre fé e cultura, entre tradição e modernidade, entre razão e estética – marcada por uma abertura invulgar à complexidade do mundo. O seu percurso foi guiado por uma fidelidade crítica à Igreja, mas também por uma liberdade intelectual indagadora, nunca submissa à repetição doutrinal.

Da sua obra imensa, em boa hora publicada na *Letras e Coisas* (5 volumes) destaca-se a preocupação por uma teologia da cultura, a valorização do pensamento português (com destaque para Leonardo Coimbra) e o diálogo criativo com a arte contemporânea, onde a beleza é pensada em chave teológica e crítica. A sua proximidade habitual com artistas e escritores, entre eles José Rodrigues e Luandino Vieira, deu origem a diversos textos e reflexões que iluminam o modo como a teologia, para Arnaldo de Pinho, se enraizava em encontros reais.

Por uma teologia da cultura



A teologia de Arnaldo de Pinho não se desenvolveu em moldes dogmáticos, nem se limitou a repetir fórmulas. Antes, procurou ler os sinais do tempo e inscrever neles a gramática do Evangelho. Esta abordagem, que se

pode designar como teologia da cultura, faz da própria

cultura um lugar hermenêutico da fé: não apenas contexto, mas espaço de revelação, interrogação e fecundação mútua.

Nesse sentido, a cultura não é tratada como ameaça ou desafio exterior à fé, mas como dimensão constitutiva da experiência humana onde o Evangelho encarna para ser compreendido. A linguagem teológica, no seu modo de ver, deve ser permeável ao simbólico e ao poético. O diálogo com os artistas, os escritores, os académicos e os pensadores não era para ele um exercício periférico, mas parte essencial da missão da teologia.

Arnaldo de Pinho passou o seu ministério a construir pontes: entre o Evangelho e a modernidade, entre a tradição cristã e os questionamentos do mundo contemporâneo, entre o local e o universal. Neste campo, incorporou reflexões que se tornaram centrais na teologia universal: a inculturação do cristianismo, o papel da linguagem simbólica e a estética como mediação espiritual.

Leonardo Coimbra e a filosofia como espaço teológico

Entre os pensadores portugueses do século XX, terá

sido Leonardo Coimbra quem mais influenciou Arnaldo de Pinho. Estudioso atento do movimento da Renascença Portuguesa, ele encontrou em Leonardo uma filosofia aberta ao espírito, marcada por uma metafísica da esperança, que se opunha ao materialismo reducionista e ao racionalismo fechado.

Leonardo Coimbra ofereceu-lhe uma chave para pensar a fé cristã, não como sistema dogmático, mas como travessia e promessa – uma fé que se articula com a liberdade do espírito, a intuição poética e a abertura ao Absoluto. Esta influência manifesta-se no modo como Arnaldo de Pinho compreende o pensamento português, não essencialmente como objeto de análise histórica, mas como tradição viva, com ressonância teológica e universal.

O seu contributo neste campo foi, assim, o de integrar o pensamento português numa reflexão teológica ampla, que recusava a dicotomia entre o pensamento confessional e o pensamento cultural. A sua obra sobre Leonardo Coimbra não é apenas uma leitura filosófica, mas uma proposta de sistematização do pensamento português como via de acesso ao transcendente.

A arte, a beleza e a tensão do pensamento contemporâneo

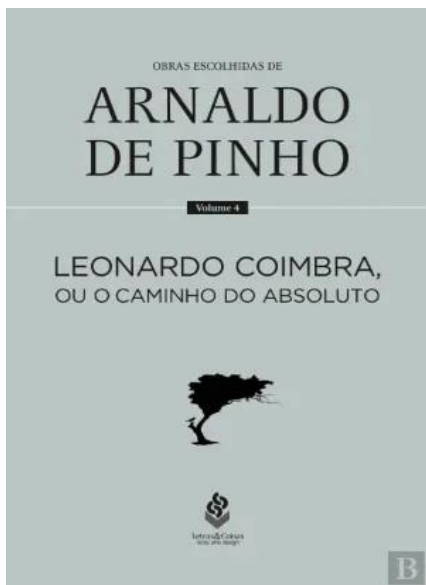
Arnaldo de Pinho foi um dos raros teólogos portugueses a abordar a arte contemporânea, não como objeto decorativo da fé, mas como um lugar teológico. A sua aproximação à estética não se limitava ao estudo da arte sacra, mas estendia-se à compreensão da beleza como categoria teológica viva, embora muito problematizada pelo pensamento atual.

Com lucidez crítica, reconheceu que muitos artistas contemporâneos se desinteressaram da beleza tradicional ou se colocaram mesmo contra ela – não por hostilidade à transcendência, mas por considerarem que essa beleza idealizada se tornara incapaz de expressar o sofrimento, a fragmentação e a ambiguidade do mundo. Contra um crónico conservadorismo eclesiástico, que via nisto apenas decadência, Arnaldo de Pinho compreendeu que esse ‘eclipse da beleza’ era, na verdade, uma interrogação radical dirigida à teologia.

Ao afirmar que a fé cristã tem de reencontrar a beleza a partir da cruz – da dor, da ausência, do abandono – Arnaldo de Pinho inscreve-se numa estética pascal: aquela que vê no Cristo crucificado o vértice da beleza ferida, a revelação paradoxal do Absoluto. A sua teologia não propõe um regresso à estética clássica,

mas uma abertura à beleza ferida, à beleza do grito, da procura e da ausência.

Amizade e escuta



A sua teologia escreveu-se também em encontros. Com o escultor JOSÉ RODRIGUES, cultivou uma relação de proximidade e admiração mútua, feita de diálogo aberto, mas também de silêncios. Para ambos, a matéria não era

obstáculo, mas caminho de revelação. O corpo não era opacidade, mas linguagem. A escultura tornou-se para Arnaldo de Pinho metáfora da própria teologia: modelar o invisível com gestos visíveis, deixar-se formar pelo que resiste.

Arnaldo de Pinho foi também próximo de Luandino Vieira e reconhecia na obra do escritor angolano – feita de resistência, oralidade e reinvenção linguística – uma força espiritual silenciosa, uma fé sem dogma, uma esperança de libertação. A palavra poética, nesse

contexto, era para ele também palavra teológica, no sentido mais amplo: lugar onde o humano toca o Absoluto.

Estas relações mostram que, para Arnaldo de Pinho, a teologia não se fazia apenas com conceitos, mas com vínculos: com artistas e outros buscadores da verdade. A sua vida testemunhou uma teologia encarnada, poética e hospitaleira, onde pensar é escutar, crer é criar, e dialogar é partilhar o pão e o espírito.

O legado de Arnaldo de Pinho ultrapassa o domínio académico. A sua obra desafia-nos a repensar o lugar da teologia na cultura contemporânea, a escutar os artistas, os poetas, os filósofos, os excluídos do palco mediático. Com ele aprendemos que a teologia pode e deve ser bela, mas não no sentido ornamental. Bela, porque verdadeira; bela, porque atenta; bela, porque capaz de nomear o indizível e de esperar e difundir sinais no silêncio.

Ficou por cumprir um dos últimos desafios, que seria o volume VI da sua obra completa (publicada na Letras e Coisas): um diálogo/entrevista precisamente com Luandino Vieira sobre a fé e a literatura, a arte e a verdade, a extrema complexidade do mundo atual.

NUNO HIGINO é professor e editor.

<https://setemargens.com/arnaldo-de-pinho-um-pensador-emancipado/> (19.05.2025)